

A RELIGIÃO COMO ESPELHO DO HOMEM: LENTES CONVERGENTES ENTRE GIANNI VATTIMO E RUBEM ALVES SOBRE O FUTURO DA RELIGIÃO

Data de submissão: 16/11/2023

Data de aceite: 01/12/2023

Irineu José Bottoni

Mestre em Ciências da Religião e Filósofo
- Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Campinas- São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/5035689282456678>

RESUMO: O objetivo deste capítulo é analisar lentes convergentes entre o filósofo Italiano Gianni Vattimo, e do Teólogo e escritor brasileiro Rubem Alves sobre religião e ética através da arte, como momento libertador, capaz de imaginar e criar qualquer coisa, incluindo o futuro da religião. A metodologia foi uma análise hermenêutica das obras do filósofo italiano Gianni Vattimo, e do escritor Rubem Alves. A religião como espelho do homem, título desse capítulo, foi inspirado em Rubem Alves, que ao comentar a afirmação feita por Ludwig Feuerbach que “todo pensamento sobre Deus é um pensamento sobre nós mesmos”, conclui que a religião então, seria o espelho do homem. Alves descreve a cultura como o nome que se dá a este mundo que os homens imaginam e constroem e, portanto, a religião não se resolve em nenhuma interpretação do

passado, mas sim na criação do futuro. Gianni Vattimo fórmula e defende um pensamento chamado de *pensiero debole* (pensamento enfraquecido), e acredita que o futuro em construção deve ser inspirado na *Kénosis* de Jesus, a encarnação do Filho de Deus. A encarnação do Jesus poderia ser interpretada como um enfraquecimento, um rebaixamento de Deus em relação ao homem, e assim a relativização contida no plural poderia ser o princípio de afirmação do outro. Como resultados esperamos discutir que a religião sem metafísica citada Rubem Alves na obra de Feuerbach, reaparece em Vattimo para criar o futuro baseada em uma virtude cristã imanente: a caridade. Como conclusão esperamos convergir o pensamento de Rubem Alves em que a religião tem poder, o amor e a dignidade do imaginário, com o pensamento de Vattimo em que enfraquecimento do ser em direção ao qual está orientada a história da salvação prepara a transferência do real para o plano das qualificações secundárias, do espiritual, do ornamental.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Alves. Religião. Gianni Vattimo. Arte.

RELIGION AS A MIRROR OF MAN: CONVERGING LENSES BETWEEN GIANNI VATTIMO AND RUBEM ALVES ON THE FUTURE OF RELIGION

ABSTRACT: The objective of this chapter is to analyze converging lenses between the Italian philosopher Gianni Vattimo, and the Brazilian theologian and writer Rubem Alves on religion and ethics through art. Understanding art as a liberating moment, capable of imagining and creating anything, including the future of religion. The methodology was a hermeneutic analysis of the works of the Italian philosopher Gianni Vattimo, and the writer Rubem Alves. Religion as a mirror of man, the title of this chapter, was inspired by Rubem Alves, who, when commenting on the statement made by Ludwig Feuerbach that “every thought about God is a thought about ourselves”, concluded that religion would then be the mirror of man. Alves describes culture as the name given to this world that men imagine and build and, therefore, religion is not resolved in any interpretation of the past, but rather in the creation of the future. Gianni Vattimo formulates and defends a thought called “weak thought” and believes that the future under construction must be inspired by the Kenosis of Jesus, the incarnation of the Son of God. The incarnation of Jesus could be interpreted as a weakening, a demotion of God about man. Thus, the relativization contained in the plural could be the principle of affirmation of the other. We hope to discuss that the religion without metaphysics cited by Rubem Alves in Feuerbach’s work, reappears in Vattimo to create the future based on an inherent Christian virtue: *Caritas*. As a conclusion, we hope to converge Rubem Alves’ thought in which religion has power, love, and dignity of the imaginary, with Vattimo’s thought in which the weakening of the being towards which the history of salvation is oriented prepares the transfer of the real to the plane of secondary qualifications, the spiritual, the ornamental.

KEYWORDS: Rubem Alves. Religion. Gianni Vattimo. Art.

INTRODUÇÃO

Na apresentação contidas no livro: *Preleções sobre a essência da Religião* de “Ludwig Feuerbach” – Rubem Alves destaca “o espírito protestante” – hoje quase desaparecido – que é a coragem de assumir as convicções do sentimento e da razão a qualquer preço (Alves, 1989, p.7), como foi o caso de Feuerbach. Segundo Alves, Feuerbach “aceita a orfanidade”. Ele aceita que as velas que acende e as canções que entoas se abrem para o vazio. Assim como na Arte, Feuerbach faz sua própria interpretação e a assume com coragem.

A “morte de Deus” escrito na “Gaia Ciência de Nietzsche” é segundo Nietzsche feita por um homem louco em pleno mercado. E além de anunciar a “Morte de Deus” o homem louco anuncia que nós, seus fiéis, o matamos. O homem louco aceita que a partir daquele momento, quando os fiéis matam seu Deus, as velas que acendemos e as canções que entoamos se abrem para vazio, na descrição de Alves. Estamos condenados a viver no orfanato, desconectamos o sol da terra, apagamos o horizonte e bebemos toda a água do mar, estamos agora no vazio de Feuerbach. Da mesma maneira feita por Feuerbach, Nietzsche assume seu “espírito protestante”, e anuncia a Morte de Deus.

Aqui há claramente um momento instigante de autorreflexão, e autodefinição.

A hermenêutica da “Morte de Deus” e o encontro com o vazio talvez nos remetendo a teologia e o Fenomenologia da “Morte de Deus” nos remetendo a Ciências da Religião, um fenômeno que nos leva ao vazio, ao orfanato. Também podemos relacionar a “Morte de Deus” com a cultura que criamos. Tendo o futuro da religião como objeto do nosso estudo interpretativo, vamos comparar o pensamento de Rubem Alves e do filósofo Gianni Vattimo sobre o futuro da religião, e suas respectivas interpretações. Afinal, qual é o futuro da religião em um tempo em que a secularização demonstra sua força?

LENTESS CONVERGENTES ENTRE VATTIMO E ALVES – A IMPORTÂNCIA DA CULTURA

Rubem Alves descreve a cultura como o nome que se dá a este mundo que os homens imaginam e constroem, e que a cultura se inicia quando o corpo deixa de dar as ordens, sendo necessário que alguém mais velhos nos ensinem como o mundo é (ALVES, 1984, p. 18). Um dos principais elementos da elaboração do pensamento de Vattimo sobre o retorno da dimensão religiosa, tanto na cultura como no pensamento, está na crise da razão, na crise do pensamento técnico-científico que, diante dos problemas aparentemente insolúveis da sociedade mundial, como os prementes e inéditos riscos apocalípticos, não encontrar soluções plausíveis para seus desafios. Ao não encontrar respostas aos seus desafios, existe uma busca de solução na religião. Sendo assim, para Vattimo, o estudo do fenômeno religioso assume um caráter crítico de relevância, e a filosofia não pode deixar de considerar essa importância.

Em um mundo que, para muitos, já poderia ser considerado secularizado, para Vattimo a secularização é um traço constitutivo de uma experiência religiosa autêntica. Um reencontro, um retorno de algo que acreditávamos ter esquecido. A secularização não é, portanto, um abandono da religião, mas é um reencontro com uma experiência religiosa autêntica.

Vattimo inspirado em Nietzsche, acredita que a cultura cria um mundo imaginário, onde a verdade é um fundamento último, uma crença metafísica, que se apoia na negação da vida e então precisa morrer, e morre junto com o símbolo de seu criador, morre com a imagem do símbolo autoritário do Deus Moral, o Deus punitivo e ameaçador. Especificamente falando de cultura e religião Vattimo destaca a importância da salvação na cultura religiosa, e descreve assim:

Se a salvação, o paraíso, a perfeição final podem ser imaginados como resultante de um processo histórico realizável no mundo, é quase fatal que uma política inspirada nestas convicções se proponha a construir, como todos os meios possíveis, uma ordem perfeita, dando lugar a regimes não liberais. (VATTIMO, 2004, p.56).

Vattimo postula que por motivos filosóficos, parece impraticável uma “retomada da metafísica entendida como uma estrutura estável, eterna, imutável, inacessível ao discurso

racional e, exatamente por isto, ainda mais rigidamente “objetiva”. (VATTIMO, 2004, p. 57). Para nosso autor, os maiores desafios autoritários de regimes políticos e religiosos, se passam em ambientes, onde se impõe o pensamento na sua absoluta transcendência, baseados em fundamentos últimos. Uma estrutura rigidamente “objetiva” é uma estrutura metafísica, e somente nessa estrutura metafísica transcendente é possível pensar o Deus totalmente outro que se impõe ao pensamento na sua absoluta transcendência.

Um ponto de grande importância considerado nas reflexões teóricas de Vattimo é a centralidade que ele dá à *Kênosis*. A encarnação como *Kênosis*, na interpretação de Vattimo, possibilita-nos pensar em uma mudança radical do estatuto de Deus e da religião cristã junto aos seres humanos. De um povo servil e submisso, passamos a amigos de Deus. A caridade de Deus é exemplo ético-político de amor ao outro a ser seguido, e acima de tudo ensinado e praticado.

Se para Alves, a cultura se inicia quando o corpo deixa de dar as ordens e alguém nos ensina o que o mundo é, para Vattimo o ensinamento vem de encarnação de Jesus, vem da religião cristã, e está baseado na caridade (*caritas*). Esse ensinamento ainda não está finalizado, deve ser aprendido e praticado. Esta é a influência da religião cristã em nossa cultura, e como na obra de Arte, precisa ser interpretada.

Um segundo ponto bastante importante está relacionado ao que Alves chama na obra de Feuerbach “da afirmação” de que “todo pensamento sobre Deus é um pensamento sobre nós mesmos”. A religião, portanto, seria o espelho dos homens. “O sofrimento da falta é a garantia que algo a satisfará. Deus, assim, é o Grande *Plenum* que corresponde ao nosso vazio.” (ALVES, 1989, p.8). Alves destaca que Feuerbach caminha na direção contrária. Começa com Deus e se descobre no vazio. O sentido de “falta” não é produto da história. É anterior a história. “É a história que é a busca permanente do objeto.” (ALVES, 1989, p.9). Feuerbach apresenta a esperança. “Se é verdade que nada há a se fazer para recuperar uma experiência perdida, é possível, entretanto, criar o objeto do desejo. A religião não se resolve na interpretação do passado, mas na criação do futuro.” (ALVES, 1989, p. 9).

Para Vattimo o anúncio da “Morte de Deus” não é uma afirmação do ateísmo, como se Nietzsche estivesse dizendo Deus não existe, e sim, significava que não existe mais um fundamento definitivo, e nada mais que isso (VATTIMO, 2004, p.9). Não existe, portanto, um fundamento último. Ao homem, agora sem Deus, liberto da ideia do Divino, caberá buscar novos caminhos, novas trilhas, tendo como referencial sua própria existência. O ser humano tendo como maior responsabilidade sua própria construção, a criação de seu futuro. Como estudioso de Heidegger, Vattimo interpretava que embora Heidegger não reconhecesse, um significado análogo também poderia ser encontrado na polêmica que Heidegger se levanta contra a metafísica.

Para Heidegger o Ser não pode ser pensado nos termos da metafísica objetiva. Em termos de presença constante. Para ele, O Ser não é, mas acontece. A categoria de

evento torna-se imprescindível na compreensão do discurso em torno do ser, uma vez que o evento do ser é o lugar próprio para a compreensão do homem enquanto ser-aí. Interpretando Heidegger niilistamente, Vattimo acredita que o niilismo abre novamente a questão fundamental do ser, proporcionando à filosofia um confronto com aquilo que é próprio do ser e que a metafísica esqueceu, numa tentativa de assegurar o domínio da razão.

Para Rubem Alves, nossa tradição filosófica fez seus mais sérios esforços no sentido que o homem fosse um ser racional, ser de pensamento. Mas, “as produções culturais que saem de suas mãos sugerem ao contrário, que o homem é um ser de desejo. (ALVES, 1984, p.19). E o desejo é um sintoma de privação, de ausência. A saudade, por exemplo, só aparecerá na distância e na ausência.” (ALVES, 1984, p.19).

Num contexto constante mudanças, até culturais, que vivemos, Vattimo desenvolve sua tese sobre a hermenêutica como uma interpretação do Ser, a própria filosofia deixa de ser descrição dos fatos objetivos, passando a interpretar as visões de cada época, de cada acontecimento. Os desejos que fala Rubem Alves se materializando na forma de pluralidade, e na forma de diferentes interpretações para Vattimo. Vattimo enxerga a Kênosis, iniciada com a encarnação de Cristo – e, antes ainda, com o pacto entre Deus e o “seu” povo, dando prosseguimento à obra de educação homem à superação da essência violenta do sagrado e da própria vida social. Para Vattimo a história da salvação e a história da interpretação estão muito ligadas. Para se salvar é preciso escutar, entender e aplicar na própria vida o ensinamento evangélico. Em Rubem Alves, talvez pudéssemos relacionar com a passagem do desejo para os símbolos, que se tornam um referencial do nosso caminho (ALVES, 1984, p.22).

A “Kênosis” da encarnação de Cristo, o pacto de Deus e seu povo, a própria superação da essência violenta do sagrado, como símbolos, ou melhor como uma teia de símbolos, que na palavra de Rubem Alves seriam rede de desejos, confissão de espera, que poderíamos associar com surgimento da religião.

No pensamento de Feuerbach descrito por Alves, a esperança cria o objeto do desejo. A religião não se resolve na interpretação do passado, mas na criação do futuro.” (ALVES, 1989, p. 9). No pensamento de Vattimo, ao interpretar a “Kênosis”, iniciada com a encarnação de Cristo, ele destaca a volta da cristandade, mesmo em uma época de secularização, a religião reaparece para criar o futuro, manter o relacionamento mais pluralistas através da caridade.

Rubem Alves em seu livro: “O que é religião”, fala que quando entramos no discurso religioso, esse discurso não vive em si mesmo. Falta-lhe autonomia das coisas da natureza, que continuam a mesma, em qualquer tempo e em qualquer lugar. (ALVES, 1984, p.29). Então, mesmo o amor ao próximo citado por Vattimo, um amor baseado na caridade, na pluralidade, falta-lhe autonomia das coisas da natureza, principalmente ligadas ao homem, portanto, também vivem do desejo e da espera, citado por Alves. (ALVES, 1984, p.30).

Concluindo sua apresentação na obra de Feuerbach sobre a essência da Religião, Rubem Alves afirma uma religião sem metafísica, foi Feuerbach o primeiro a compreender.

Se não existe um *Plenum* que satisfaça nosso vazio e se a educação para a realidade se nutre de um pessimismo que exige o abandono dos sonhos, a política se apresenta como a arte de tornar sonhos reais, a fim de tornar possível um pouco mais de felicidade, no futuro. (ALVES, 1989, p. 8)

A pós-modernidade traz consigo a dimensão do pluralismo, que no “pensamento enfraquecido” de Vattimo baseado no conceito de *Kênosis* e caridade, poderia recuperar a legitimidade do múltiplo, do plural, da fala do outro. Nesse aspecto, a relativização contida no plural seria o princípio de afirmação do outro. Através da caridade e do amor ao próximo um cristianismo não religioso, talvez uma religião sem metafísica citada por Feuerbach, e com certeza baseada em uma virtude cristã imanente: a caridade.

Para Rubem Alves, “o amor se dirige para coisas que ainda não nasceram, ausentes. Vive do desejo e da espera. (ALVES, 1984, p.31). Reafirma também que a religião não é apenas fantasia, sugerindo que a religião sim tem poder, o amor e a dignidade do imaginário (ALVES, 1984, p.31).

Vattimo acredita que o cristianismo pode sim ser uma religião universal e que pode também contribuir para superar esse caráter excludente que vivemos, fomentando uma globalização da caridade (*caritas*), desafiando todas as culturas únicas que têm seus fundamentos últimos e absolutos, a um “evento dialógico”, do qual todos possam sair modificados. O filósofo Italiano desafia o cristianismo a interpretar a mensagem de Deus com uma fórmula de revelação em progresso, por meio da *Kênosis de Jesus*, tirando o cristianismo de suas “trincheiras” e de sua pretensão de ser a única religião verdadeira, fora da qual não há salvação.

Como podemos notar, Rubem Alves nos desafia a pensar em termos de uma religião com poder, e capaz de criar futuro, baseado no amor, o mesmo pensamento transgressor e não violento de Gianni Vattimo.

CONCLUSÃO

Nas palavras de Rubem Alves, a religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para um panorama externo, “é como um espelho em que nos vemos.” (ALVES, 1984, p.12). Vattimo lendo trechos do apocalipse, postula o Deus Ornamento. A profusão de formas, luzes, cores como se a revelação da salvação ao final dos tempos fosse muito mais que uma catástrofe destrutiva, uma espécie de dissolução do real nas qualidades “secundárias”, ligadas às percepções do sentido, ligada a libertação da arte. Vattimo afirma ainda que não podemos nos esquecer “de que o próprio termo “espírito, pneuma significa, em origem, sopro, vento, hálito; algo essencialmente volátil.” (VATTIMO,

2004, p.68) Nesse trabalho sobre Vattimo, relacionado os pensamentos de Rubem Alves, as janelas se abrem para o lado externo de uma maneira bastante profunda. Entender o pensamento de Vattimo é uma tarefa bastante desafiadora, e com muitas passagens simbólicas fazendo uma teia de símbolos interligados e interrelacionados nem sempre muito fácil de interpretação. Porém, como disse Rubem Alves, a ciência da religião nesses autores, é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso.

O futuro da religião é ausência, desejo para Alves. O futuro da religião é evento dialógico, é escuta, é caridade, amor por escolha em Vattimo. A convergência de seus pensamentos é considerar a religião como fundamental para a construção de um futuro melhor, menos autoritário e mais inclusivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **O que é a Religião?** / Rubem A. Alves. – São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião**/ Ludwig Feuerbach; tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Friedrich Wilhelm Nietzsche; Tradução Paulo Cesar de Souza. -1 ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**. Gianni Vattimo; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. – (coleção textos filosóficos)

VATTIMO, Gianni. **Crer que se crê: É possível ser cristão apesar da Igreja?** Gianni Vattimo; Tradução Klaus Bruschle. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018

VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade - por um cristianismo não religioso**. Gianni Vattimo; Tradução Cynthia Marques – Rio de Janeiro: Record, 2004